

OS SABERES EM TRADUÇÕES

a fabricação das panelas de barro de Goiabeiras

Carla da Costa Dias

Estamos tratando de objetos materiais de cultura que chamamos de tradicionais; pois originalmente eram feitos para consumo local de um grupo restrito de pessoas, mas que, no correr do tempo, foram dinamicamente sendo transformados em símbolo regional reconhecido, porque consumido em várias partes do território nacional. No estudo desses objetos é fundamental que se pense em quem faz, o que implica pensar em como ou para quem se faz ou mesmo para quê, onde, quando e por que se faz e, principalmente, como essas questões se modificam ao longo do tempo. Questões que são tratadas aqui do ponto de vista das mudanças vividas no processo de construção de uma identidade específica – a de paneleiras.

Palavras-chave: PATRIMÔNIO IMATERIAL, CULTURA MATERIAL, IDENTIDADE SOCIAL, TRADIÇÃO.

DIAS, Carla Costa. Os saberes em traduções – a fabricação das panelas de barro de Goiabeiras. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 49-56, 2007.

Ser paneleira é ser de Goiabeiras. Em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, no bairro conhecido como Goiabeiras, mais especificamente Goiabeiras Velha, um grupo de mulheres produz, artesanalmente, “painéis de barro”, de uma “forma tradicional”. Forma transmitida por suas mães, que por sua vez aprenderam também com suas próprias mães. O *status* atribuído às mulheres provém do papel que desempenham, como representantes legítimas de uma tradição artesanal.

Marcando fronteiras físicas e simbólicas

A função principal dos artesanatos, dos objetos de cultura material, está na possibilidade de demarcar fronteiras, isto é, por meio dos objetos tornam-se visíveis as identidades dos grupos que os produziram. Muitas vezes, no processo de institucionalização, torna-se necessário inventar uma continuidade histórica, por meio, por exemplo, da criação de um passado que extrapole a continuidade histórica real, como uma busca de origem (Hobsbaw e Ranger, 1984). A permanência foi uma categoria-chave para que a tradição das paneleiras fosse reconhecida como atributo de valor cultural (Dias, 2006).

Na construção de sua identidade, as paneleiras buscaram fundar sua autenticidade em três eixos: o território; o “modo de fazer” as painéis, o barro, matéria-prima utilizada na fabricação, e a genealogia. Esses três elementos atestavam a autenticidade do grupo e, em consequência,

das painéis. A autenticidade foi uma estratégia na construção dessa identidade que se constituía frente a outros grupos dispersos que também fabricavam painéis, enfatizando os vínculos com o passado de modo a legitimar o lugar dessa identidade de grupo. As painéis, como objeto material, são representações a um tempo concretas e simbólicas da identidade desse grupo. É por meio dos objetos que produzem, de sua ação sobre a matéria, que as mulheres constroem a sua identidade de paneleiras. Ser paneleira significa ocupar um determinado lugar na sociedade, lugar que não existia *a priori*, mas que foi construído pelos sujeitos que o ocupam.

É nosso ganha-pão, mas os turistas, os artistas vêm tudo aqui em nosso trabalho. Isso aqui é uma chama. O nosso trabalho é um ponto turístico. Agora mesmo a gente tem uma encomenda de mil painéis dessas aí, para fora do país. Por isso que o governo não pode perder. Como é que o nosso estado pode perder isso? (Depoimento de Bernaci Gomes, 1993).

A expansão da malha urbana tornou Goiabeiras acessível aos compradores, causando um aumento na produção e venda das painéis de barro, que passaram a ser consumidas como um produto “típico” da região: a painela onde é preparada e servida a moqueca capixaba. As painéis de Goiabeiras passaram a ser apreciadas e comercializadas por uma nova rede de mercadores: lojas de artesanato, turistas com seus souvenirs e restaurantes que servem a moqueca. O que

antes era produzido domesticamente para consumo “privado”, torna-se um objeto público, consumido como recipiente e exposto como objeto de artesanato popular em feiras e museus nos grandes centros urbanos. Nesse contexto de crescente demanda, a pequena produção familiar feita nos quintais entre uma ou outra tarefa doméstica foi modificada e ganhou novos contornos e novos modos de organização e produção. O artesanato das panelas de barro é um meio de vida para muitas famílias, pertence à economia informal e se integra ao complexo econômico do estado por meio do turismo.

A introdução no mercado pode modificar significativamente sistemas tradicionais de produção e distribuição, num processo dinâmico que envolve inúmeras possibilidades, até mesmo a permanência da forma de organização, o que não significa a permanência das formas de representação. O sentido da produção não está voltado apenas para as questões/funções internas do grupo, ligadas à tradição. Como nem sempre os objetos permanecem no contexto para o qual foram destinados nem na região em que foram produzidos, considera-se que um objeto tenha uma vida social, cujo valor, espírito e significado mudam através do tempo (Appadurai, 1986). Esse é um fenômeno dinâmico que possibilita trabalhar com o universo das manifestações artísticas, o processo pelo qual os objetos são reificados, tornando-se representações de processos sociais em mudança.

O estudo dos objetos etnográficos

classificados como arte popular ou artesanato popular caracteriza-se pelo uso de critérios exógenos ao sistema no qual se inserem: pertencem ao mundo dos consumidores. São eles que determinam a classificação. As relações que envolvem o objeto num contexto social são geralmente ignoradas pelos que enfatizam em seus estudos sua natureza estética; quando muito, elas aparecem como dados ilustrativos. A beleza é uma categoria construída, portanto, pelo olhar de quem exerce sobre o objeto classificado como arte o poder de torná-lo mercadoria, dotado de valor de troca. Os grupos sociais que manipulam essas categorias não atribuem valor aos objetos de uso nem ao uso em si, não reconhecem o valor atribuído pelo grupo ou sociedade que os produz¹.

No caso das paneleiras, ao mesmo tempo em que produzem, assumem a posição de mediadoras e somam à sua prática produtiva os valores culturais que percebem como valores dos compradores. Lidam com a aparente ambigüidade das mudanças na produção do artesanato de um modo geral. A demanda contínua por esses objetos influencia o sistema produtivo, gerando alterações formais, como sugere Graburn (1976) ao tratar da influência do mercado sobre as chamadas “artes do quarto mundo”². Como sucede com outros objetos de artesanato, as panelas foram apropriadas como parte de uma constelação de símbolos de identidade nacional, o que para esse autor traduz um processo de apropriação da identidade dos povos “minoritários” pelos dominantes.

A dinâmica do processo que elas operam comporta múltiplas trajetórias, com direções e sentidos distintos, que dependem das relações estabelecidas em determinados períodos. A identidade coletiva é também estratégia de um grupo que percebe a importância da manutenção de suas práticas, pois estas representam uma tradição, que foi inventada e é reinventada pelas paneleiras, na dinâmica de alianças políticas que se constroem, desconstroem e reconstróem a cada dia.

Como já dito, os objetos da cultura material têm uma função demarcadora de fronteiras (Ribeiro, 1987). Por intermédio deles tornam-se visíveis as identidades dos grupos que os produziram. Para permanecerem como “legítimas” produtoras das panelas no confronto, no mercado, com outros produtores de panelas de barro, as paneleiras transformaram o próprio processo de trabalho em elemento diferenciador. Assim, se distinguem, por oposição, dos que fazem panelas no torno. Aqui, a noção de identidade social, categoria construída, pode ser pensada num processo que se efetiva a partir da constituição da alteridade e de uma interação. Ribeiro aponta, como consequência desse processo, uma interferência externa nas atividades rotineiras, que avalia positivamente por ser também uma forma de fortalecimento da identidade étnica.

Patrimônio em processo

Nos últimos anos houve mudanças significativas para a dimensão do traba-

lho cotidiano e a vida familiar. As encomendas criaram compromissos profissionais que passam a ocupar o espaço dos compromissos familiares. A dinâmica se alterou: antes, o trabalho era uma opção possível de conciliação com o universo doméstico e familiar, mas a família se voltou para a esfera pública por imposição do trabalho. Elas perceberam as transformações, principalmente com relação à imagem que tinham de si mesmas. Até então, tinham vergonha de ser paneleiras, categoria que não possuía nenhum atributo positivo de valor. As panelas deram acesso a bens de consumo que antes não existiam em suas vidas cotidianas. Essa é uma possibilidade ou função do artesanato em contextos sociais de mudança, quando a preservação das formas e o aumento na produção e venda visam à aquisição de bens materiais e à permanência no território (Ribeiro, 1987)³.

Em 2002 o *saber-fazer* panela de barro das paneleiras de Goiabeiras foi o primeiro registro inscrito no *Livro dos Saberes*⁴. No parecer elaborado, foram destacados os traços essenciais da tradição

longo enraizamento nas práticas das populações locais, dependência e interação com os ecossistemas locais, forma de reprodução não-letrada ou não-erudita, reconhecimento coletivo como ‘tradição’.

Estes foram aspectos destacados para apontar esse saber como patrimônio nacional.

O valor da panela traz agregado o valor do trabalho, do modo de fazer. A panela, símbolo da cultura capixaba, é legitimada pelo reconhecimento de sua autenticidade, por ter sido fabricada pelas paneleiras de Goiabeiras. As panelas são o objeto da representação do grupo, que assim se identifica por fazer a mesma panela, do mesmo modo, no mesmo lugar e com a mesma matéria-prima. O sistema técnico consolida a organização social da produção, o modo pelo qual se confeccionam as panelas: da eleição da matéria-prima à finalização como objeto de uso, é uma forma de o grupo constituir-se como tal. Todas fazem da mesma maneira, não por desconhecerem outros modos de fazer ou por um “conservadorismo nato”, mas pela excelência na execução, fruto de um treinamento adquirido no processo de socialização primária e, principalmente, por ser por meio dessa permanência que as paneleiras se diferenciam e passam a constituir uma identidade de grupo.

A tradição é um atributo de valor, inculcado pelos agentes institucionais como estratégia para inserir as paneleiras no quadro político cultural capixaba. Pertencer a uma tradição cultural que mantém características inalteradas é uma forma de garantir a manutenção do *status* social. O valor da tradição é atestado por aqueles que têm o poder de legitimar o papel social que elas reivindicam. A institucionalização da categoria transformou de tal maneira o significado do trabalho que, inicialmente reconhecido como informal, passou, numa via de mão dupla, a ser considerado “tradicional” e parte do

patrimônio da cidade e do estado.

Inscrever na tradição foi uma das formas de se atribuir valor simbólico aos objetos que, ao incorporar essa nova função, têm seu significado modificado. Antigamente eram objetos de uso do grupo, hoje o grupo constrói a sua identidade por meio deles, o que muda completamente o sentido de sua existência. A construção empreendida se afirma na incorporação e manipulação, pelas mulheres, dos mecanismos que o “mercado” exige para a continuidade de seu consumo. As mulheres, na construção da sua tradição, buscam uma legitimidade cultural, o reconhecimento de seus artefatos enquanto meio material e meio simbólico de sobrevivência do grupo. Produzem seus objetos do mesmo modo que suas mães e avós faziam, como forma de se identificarem como “autênticas” e “legítimas” herdeiras da “tradição”.

O conhecimento de cada forma particular de artesanato constitui-se numa descoberta e, portanto, não deve ser minimizado em função de uma pretensa homogeneidade que muitas vezes a categoria artesanal parece incluir. Atualmente algumas formas começam a ser produzidas no galpão, como chaleiras, bules, travessas de formas irregulares, assim como figuras antropomorfas diversas. Além das formas tradicionais, pode-se apontar a ocorrência de adornos nas tampas das panelas, alguns dos quais são modelados no próprio barro e colados na peça ainda crua, de maneira que o acabamento é idêntico ao conjunto, isto é, negro. Diferente destes, algumas pane-

las traziam na tampa elementos como peixes, caranguejos, etc., modelados em uma massa tipo *durepoxi*, pintados com tinta plástica em cores vivas e brilhantes e aplicados sobre a tampa já queimada e pronta. Outro tipo de acabamento observado foi a pintura, também em cores brilhantes, como o verde e o vermelho, feita na superfície da tampa já queimada. Essas painéis são feitas, também, para servirem de adorno.

As inovações formais são percebidas como modo de se diferenciar e abrir novos mercados. Num processo inverso ao que propunha uma homogeneidade formal, para que os objetos fossem representações da unidade do grupo, no momento ocorre uma busca de distinção na competição por recursos. Grabum (1976) afirma que “como estranhos podemos não gostar de tais fenômenos ou lamentar a ‘perda da tradição’. Mas isto é tradição”.

Assim, inovações são permitidas, contanto que não alterem o significado da painel como símbolo do grupo; não podem deixar de fazer as formas “tradicionais”, para produzir apenas as novas. Isso não significa que a força do mercado não atue de maneira a garantir a manutenção dessas mesmas formas “tradicionais”. Como um atributo desejado, a permanência fortalece a identidade do grupo e se manifesta na expressão material. Ao mesmo tempo, ela é relativa, na medida em que forma e conteúdo, embora pareçam os mesmos, estão estruturados num sistema diverso.

As mulheres ocupam um lugar político-social na sociedade capixaba, em Goi-

abeiras e em suas casas. A consciência do novo papel, em que um “novo mundo” interioriza-se na consciência (e esta se projeta em repetições futuras), a inserção social, a legitimação que provém do processo de institucionalização incorporaram novos significados ao fazer e ao papel que passaram a desempenhar, do qual muito se orgulham. Reconhecem-se “fazedoras” de algo simbolicamente legitimado pela cultura regional; percebem-se capazes de criar politicamente seu espaço, de ocupá-lo e reivindicá-lo. O mundo social transforma-se por meio da dimensão do trabalho. Ser painelista significa posicionar-se política e socialmente. A painel, como objeto, é a representação material de processos sociais empreendidos pelas painelistas de Goiabeiras a partir de seu fazer, de seu trabalho: elas produzem, assim, sua maneira de estarem no mundo, identificando-se e diferenciando-se.

NOTAS

- 1 Steiner (1994), em estudo sobre o comércio de arte africana, analisa o modo como o mercado esconde e mistifica o trabalho humano que envolve os objetos, ou melhor, as mercadorias. O autor fala em uma cumplicidade dos consumidores, que acabam por destituir a humanidade contida no objeto, como se este existisse por si. Dessa maneira, o trabalho de arte torna-se socialmente reprimido, pois os comerciantes e os consumidores retiram do objeto os traços de sua produção e assim atribuem-lhe um valor que não reconhecem.
- 2 Grabum (1976) considera o turismo e as viagens, substitutos do colonialismo, como

principal fonte de contato intercultural.

3 Na história da “tradição” das paneliras, a ocupação de determinados espaços geográficos foi uma maneira de demarcar sua existência social. A base territorial fixa é a chave para a compreensão das mudanças sociais, pois ela afeta o funcionamento e a significação das manifestações culturais (Oliveira Filho, 1998). Desse modo, a ocupação de uma área pode ser vista como um aspecto da permanência do grupo e de modos de fazer. Mais do que um espaço determinado e limitado, onde estão suas casas, o todo que chamam de Goiabeiras Velha lhes pertence, pois elas, como paneliras “legítimas”, são dali: elas representam simbolicamente esse espaço, transformado por elas em território.

4 “Em decorrência do registro no Livro dos Saberes, e, de acordo com o artigo quinto do Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, confiro o título de Patrimônio Cultural do Brasil ao ‘**Ofício das paneliras de Goiabeiras**’, bairro de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo.” (Carlos Henrique Heck, presidente do IPHAN)

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana. Estudos de Antropologia Social*. PPGAS/MN, 1998.

RIBEIRO, Berta. Artesanato indígena: para quê e para quem? *In: O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1987.

STEINER, Christopher B. *African Art in Transit*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Carla da Costa Dias é ceramista, professora adjunta do Departamento de Artes & Design da PUCRio, mestre e doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ e pesquisadora associada do LACED/MN/UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, A. *The social life of things*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DIAS, Carla C. *Panela de barro preta – a tradição das paneliras de Goiabeiras*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

GRABURN, Nelson H. Introduction: The arts of the Fourth World. *In: Ethnic and tourist arts: Cultural Expressions of the Fourth World*. Berkeley: University of California Press, 1976.

